



## **MULHERES INDÍGENAS: SABERES, PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO NO RIO NEGRO/AMAZONAS**

**Pedro Paulo Fernandes da Costa**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista CAPES

**Líria Ângela**

**Andrioli** Professora do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

[liria.andrioli@uffs.edu.br](mailto:liria.andrioli@uffs.edu.br)

### **1. Introdução**

As mulheres indígenas abordadas neste trabalho vivem no Noroeste da Amazônia, especificamente no município de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas. Pertencentes ao grupo étnico Tukano, elas têm no trabalho agrícola tradicional um modo de vida que expressa um amplo repertório de circulação de saberes, técnicas e tecnologias desenvolvidas e compartilhadas entre as 23 (vinte e três) etnias que habitam a região. Tal diversidade evidencia uma rica interculturalidade e uma complexa rede de relações socioculturais que estruturam os modos de vida locais. Nesse contexto, o presente trabalho busca responder de que forma as mulheres indígenas, por meio de suas práticas na agricultura tradicional, contribuem para o desenvolvimento social e comunitário em suas localidades<sup>1</sup>.

Este trabalho apresenta um recorte da dissertação intitulada “Saberes Ancestrais, Alimentação e o Processo de Envelhecimento de Mulheres Indígenas do Médio Rio Negro/Amazonas: contribuições para pensar as práticas agroecológicas, o bem-estar e a saúde”, defendida no Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável (PPGADR) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Laranjeiras do Sul/PR. A partir dos resultados da pesquisa de campo, buscou-se evidenciar como o trabalho na roça e as práticas agroecológicas desenvolvidas por mulheres indígenas contribuem para o desenvolvimento social e

---

<sup>1</sup> A pesquisa de campo foi realizada na Ilha de Duraka (Duraka Kapuamu), na comunidade de Camanaus, localizada no território indígena do médio Rio Negro.



comunitário. O cultivo nas roças, atividade central nas comunidades do Médio Rio Negro, garante uma diversidade de alimentos essenciais à subsistência familiar (Maciel, 2010), desempenhando papel fundamental na segurança alimentar. Destaca-se, nesse contexto, a produção da farinha de mandioca, que, além de prática de subsistência, configura-se como estratégia de geração de renda e fortalecimento da economia local, junto à pesca, caça e agricultura (Rodrigues; Ricardo, 2021).

Investigar o papel dessas mulheres como sujeitos do desenvolvimento é essencial para a valorização dos saberes tradicionais e dos modos de vida sustentáveis que elas protagonizam. Suas práticas representam formas concretas de resistência aos modelos hegemônicos de desenvolvimento, que frequentemente desconsideram a importância da preservação ambiental, do cuidado com o território e da socialização de saberes ancestrais.

## **2. Metodologia**

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa e descritiva, com base em uma análise reflexiva dos dados coletados em campo, sob uma perspectiva etnográfica. O trabalho de campo foi conduzido em 2024 na comunidade de Camanus, localizada na ilha de Duraka, no município de São Gabriel da Cachoeira/AM. As principais técnicas utilizadas foram: observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros em diário de campo. As entrevistas foram realizadas com três mulheres agricultoras, todas com mais de 50 anos de idade. Observou-se os princípios éticos de pesquisa.

## **3. Resultados e discussão**

Os resultados demonstram que as mulheres indígenas da comunidade de Camanaus, desempenham um papel estruturante no desenvolvimento social e comunitário. Por meio da articulação entre práticas produtivas, saberes ancestrais e organização coletiva, elas garantem não apenas a segurança alimentar das famílias, mas também a sustentabilidade econômica e sociocultural de suas comunidades. Sua atuação na agricultura tradicional, com destaque para a produção e comercialização da farinha de mandioca, do beiju e de produtos agroflorestais, sustenta as bases de



uma economia local fundamentada no trabalho coletivo, na interculturalidade e na valorização da biodiversidade (Velthem; Emperaire, 2016); (Costa, 2024).

Esse protagonismo feminino transcende a dimensão da subsistência. As práticas agrícolas conduzidas por mulheres, como o cultivo de frutas e raízes, bem como o processamento de alimentos, estão diretamente associadas à manutenção da vida coletiva, e o compartilhamento intergeracional de saberes e ao fortalecimento dos vínculos comunitários. Ao integrar conhecimentos ecológicos tradicionais com estratégias de manejo do mundo no território, essas práticas constituem formas de resistência cultural e ambiental. Elas se expressam em modelos de agroecologia que se opõem às lógicas hegemônicas de desenvolvimento, muitas vezes centradas na exploração predatória dos recursos naturais e na marginalização dos saberes indígenas.

Nesse sentido, as experiências vividas por essas mulheres configuram uma proposta concreta de desenvolvimento comunitário sustentável, profundamente enraizado em suas cosmologias e formas de vida. Essas práticas não apenas promovem o cuidado com a natureza e a autonomia alimentar, mas também reforçam redes de solidariedade e instâncias de autogestão.

A produção de farinha, por exemplo, central para a economia local, é estruturada com base em práticas de autogestão, decisões coletivas e trabalho intergeracional, refletindo os princípios de reciprocidade, sustentabilidade e coletividade que orientam as práticas agrícolas das mulheres Tukano. Nesse contexto, destaca-se também a interculturalidade como aspecto fundamental, especialmente na comunidade de Camanaus, onde “são várias etnias que convivem em harmonia” (Pereira, 2013, p. 109).

A seguir, a Figura 1 retrata uma cena coletiva de produção de farinha na comunidade indígena de Camanaus, evidenciando a centralidade das mulheres nesse processo. Sua participação ativa nas etapas do preparo da mandioca revela que o trabalho como a farinhada, as reuniões comunitárias e o cuidado com a alimentação, não ocorre sem a presença feminina. Essa observação reforça a pertinência do trabalho das mulheres no âmbito comunitário, na reprodução material e simbólica da vida comunitária. A experiência de Camanaus mostra uma estrutura organizacional que, embora formalmente dividida entre lideranças como capitão,

vice e animadores, depende fundamentalmente da força coletiva sustentada pelas práticas culturais do cotidiano, nas quais as mulheres assumem um papel indispensável.



**Figura 1: Trabalho Coletivo da Comunidade de Camanaus**

Fonte: acervo do autor (2024).

Assim, é possível verificar uma compreensão ampliada de desenvolvimento nos contextos indígenas, que vai além dos indicadores econômicos tradicionais. Nessa perspectiva, o desenvolvimento está ligado à garantia do bem-viver, ao fortalecimento dos laços comunitários, ao cuidado com o território e à valorização dos saberes ancestrais. O bem-viver, como propõe Acosta (2016), é uma filosofia baseada na visão de mundo dos povos indígenas, que rompe com a lógica capitalista de acumulação e propõe uma relação harmônica entre seres humanos e natureza. Trata-se de um processo comunitário e dinâmico, presente em diferentes culturas, mas especialmente significativo entre os povos indígenas. Nesse cenário, as mulheres do Médio Rio Negro desempenham um papel central, ao integrarem saberes ancestrais, trabalho, cultura, sustentabilidade e resistência em suas práticas cotidianas, construindo, assim, com alternativas locais à lógica dominante e excludente do progresso.

#### **4. Considerações finais**

A pesquisa evidencia que as mulheres indígenas do povo Tukano exercem um papel decisivo na construção de formas próprias e sustentáveis de desenvolvimento social e comunitário no Médio Rio Negro. Por meio das práticas agroecológicas, do





trabalho coletivo e do compartilhamento de saberes ancestrais, elas protagonizam um modelo de vida que integra produção alimentar, cuidado com o território, reciprocidade e fortalecimento dos vínculos sociais. A atuação dessas mulheres, em diferentes fases da vida, revela que o desenvolvimento local não pode ser dissociado dos saberes indígenas, da coletividade e da valorização das práticas socioculturais que garantem a continuidade da vida nos territórios.

Nesse sentido, a visibilidade do protagonismo feminino indígena se torna fundamental para o fortalecimento de políticas públicas que respeitem os modos de vida tradicionais, promovam a soberania alimentar e assegurem a autodeterminação dos povos indígenas. Valorizar as mulheres indígenas como agentes de desenvolvimento significa reconhecer suas contribuições históricas e cotidianas na construção de alternativas ao modelo dominante, pautadas na justiça social, na diversidade e no bem-viver.

### Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos / Alberto Acosta; tradução de Tadeu Breda. – São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.

COSTA, Pedro Paulo Fernandes da. **Saberes ancestrais, alimentação e o processo de envelhecimento de mulheres indígenas do Médio Rio Negro/Amazonas**: contribuições para pensar as práticas agroecológicas, o bem-estar e a saúde. 2024. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, 2024.

MACIEL, M. R. A. **Raiz, planta e cultura**: as roças indígenas nos hábitos alimentares do povo Paresi, Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2010.

PEREIRA, Rosilene Fonseca. **Criando gente no Alto Rio Negro**: um olhar Waíkhana. Manaus: UFAM, 2013.

RODRIGUES, Emádina Gomes; RICARDO, Helenice Aparecida (Orgs.). **Impressões geográficas e culturais dos povos indígenas do Amazonas** – Terra Indígena Alto Rio Negro. São Paulo: Alexa Cultural; Manaus: EDUA, 2021.

VELTHEM, Lúcia; EMPERAIRE, Laure (Orgs.). **Manivas, aturás, beijus**: o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro... / coordenadoras Lúcia Hussak van Velthem, Laure Emperaire. Santa Isabel do Rio Negro: ACIMRN, 2016.